

artigos demonstram, com a boa vontade de deixar S. Ex.^{za} terminar antes de pronunciar-me, intento aliás frustrado, porque irrisório seria após uma demora igual.

Vem até muito tarde a conclusão do meu humilde trabalho, que deveu ser felizmente irreductível para pungir questões de prioridade. Quási nada aceitei; a hipótese da quebradura ornamental dos arcos devo no emtanto, tal qual vai, restituí-la ao Sr. Joaquim de Vasconcelos. Creio também não ter dado, através quatro meses de operosa expectativa em que estes artigos me caíam das mãos, grande medida de dispersão nem a minha consciência de defesa acusa lacunas. Fui breve e, por mais que digam, o mais impessoal possível. Muitos verão nestas páginas que sei eu? descortezia em suma. Não... e firo a nota com a tranquilidade que me dá a consciência ainda! o que aqui podem ver-se são impassíveis machadadas de quem abre caminho à verdade em Portugal. Ai vão afirmações desprezenciosas. E que valeria a pretensão. As ideas são de todos. . . o homem passa; a obra fica? se não absurda, essa immortalidade era ainda falaz.

Coimbra, 21 de Maio de 1918.

EDMUNDO ARMÉNIO CORREIA LOPES.

Nota.—Os *Arcos de ferradura*, I e II, foram muito espaçadamente publicados nos *Ecos de Guimarães* (8 de Abril e 2 de Setembro de 1917), Os outros dois (ver *Allegro vivace* p. 20, nota 5) que se lhes seguem, bem me custaram a reivindicar, inéditos mesmo. Eis uma das causas da demora da publicação e a outra idea em que estive de os dar à *Revista de Guimarães*.

C. L.

Estudos sobre a epoca do ferro em Portugal

Á semelhança do que fiz com a epoca do bronze (vid. *Arch. Port.*, XI, 179-180), inauguro aqui uma secção destinada a conter estudos, ou simples notas, respeitantes á epoca do ferro, que, como é sabido, se subdivide em dois periodos, de Halstatt, e de La Tène.

I

Objectos do Museu Arqueologico de Faro

(Desenhos de Saavedra Machado)

Referi-me n-*O Arch.*, XXIII, 111, a alguns objectos da epoca do ferro possuidos pelo Museu de Faro, e d'elles prometi falar depois.

Cumpro agora a promessa, e reuno os objectos em dois grupos: espolio funerario dos arredores da Lagôa; e espetos de bronze.

a) ESPOLIO FUNERARIO DOS ARREDORES DA LAGOA:

Este espolio, já dado como da epoca do ferro por Monsenhor Bôto, *Glossario critico do Museu*, Faro 1889, p. 28, consta dos seguintes objectos:

—Xorca de bronze, de 0^m,10 de diametro, e de secção circular: tem enfiados doze pendentos ornamentais de fôrma de chouriço. Vid. fig. 1^a.

—Outra xorca de bronze, de 0^m,055 de diametro, a qual representa uma cobra de duas cabeças, que se aproximam uma da outra. Vid. fig. 2. Nas *Religiões da Lusitania*, III, 501, publiquei um bracelete analogo a este, senão que contém quatro cabeças. Cf. tambem sôbre o assunto: Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, II-3, p. 1217, § 10, e nota 3; W. Deonna, «Les croyances relig. et superst.» in *Bulletin de l'Institut Nat. Genev.*, XLII (1917), p. 239 sgs.; e *O Arch. Port.* XXIII, 218, e nota 2 (onde cito outras obras).

—Contas vitreas pretas, oculadas de massa branca, semelhantes ás de que falei no meu livro *De Campolide a Melrose*, pp. 23 e 134. Vid. fig. 3.

¹ E não «onze» como por equívoco diz Bôto, *loc. cit.* (Ao que eu aqui chamo *chouriço* chama o referido autor *sanguessuga*). Da existencia d'estes chouriços na xorca vê-se que não deve ter-se por «arrecada» um aparecido em Santa Olaia (2.^o periodo do ferro), como fez Santos Rocha na *Portugalia*, II, 328 (cf. est. xxx, 50), equívoco em que era facil cair, perante um objecto avulso. No Museu Etnologico ha dois chouriços iguais, um que appareceu em Mertola, e me foi dado pelo S.^o João Manoel da Costa, outro que obtive em Condeixa-a-Velha em 1917. Além do que se disse acima, o pendente de Condeixa está muito fechado, para que pudesse ter servido de arrecada. Os pendentos de Condeixa e de Mertola é possivel que apparecessem em sedimentos pre-romanos, propriamente nas ruinas de *Conimbriga* e *Myrtilis*; se appareceram em sedimentos romanos, devem porém ter provindo da época do ferro, como se vê da comparação com os de Santa Olaia e Lagôa. Para illustração do assunto, publico os pendentos de Mertola e Condeixa nas duas figuras adjuntas (figs. a e b). Ultimamente (Novembro de 1917) veio do castro de Cendufe (Alto-Minho) um chouricinho igual, tambem de bronze, trazido para o Museu pelo D.^o Felix Alves Pereira. D'este castro é o tronco de estatua lusitânica publicado n-*O Arch. Port.*, XIII, 202, pelo mesmo illustre investigador.—Tudo isto concorda cronologicamente entre si.



Fig. a

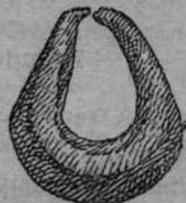


Fig. b



—Contas de vidro azul, umas globulares, outras achatadas, e todas elas irizadas. Vid. fig. 4.

—Contas de vidro amarelado, côr de ambar, achatadas. Vid. fig. 5.

O resto de que fala Bôto, já não existe.

b) ESPÊTOS DE BRONZE:

—O espêto que se representa na fig. 6, tem 1^m,05 de comprimento, é de secção quadrangular, e vai estreitando para a ponta. O cabo, elegantemente talhado, termina em cima por uma expansão da extremidade do espêto, e fica delimitado em baixo por duas aselhas: ha nele breve ornamentação, constante de circulozinhos postos num espaço compreendido entre grupos de linhas paralelas. Apareceu no Cabo de S. Vicente. Cf. Bôto, *Glossario*, p. 30.

—Outro espêto, fig. 7, de 1^m,03 de comprimento. O cabo na sua parte superior é ornamentado por uma linha de SS. Junto da aselha ha tres séries verticais da mesma figura, em linhas paralelas, tanto de um lado como do outro. Cf. Bôto, *ob. cit.*, p. 51. Este espêto foi oferecido ao Museu de Faro por El-Rei D. Carlos; d'ele fala Estacio da Veiga nas *Antiquid. mon. do Alg.*, t. IV, est. XXV, n.º 8.

Os objectos que hoje se têm por espêtos¹ eram outrora considerados como armas da idade do bronze (espadas, estoques).

II

Espêtos de bronze do Museu Etnologico Português

(Desenhos de Saavedra Machado)

No Museu Etnologico ha, como digo na respectiva *Historia*, p. 189, tres espêtos de bronze: de Alguber, de Figueiros, e de Beja. O último, que pertenceu ao Dr. Teixeira de Aragão, em cujo espolio o comprei, foi já mencionado e figurado por Estacio da Veiga nas *Antiquid. mon. do Algarve*, t. IV, p. 208, e est. XXV, n.º 9; os dois restantes estão inéditos, e d'elles vou aqui falar.

O espêto que se representa na fig. 8 tem 1^m,05 de comprimento e secção rectangular. Vai estreitando para a ponta. O cabo, com uma expansão central, fica delimitado da parte de fóra por uma especie de concha bivalva, e da outra parte por duas aselhas: nisto

¹ Vid. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, t. II, -2, p. 798 sgs., e t. II-3, p. 1412 sgs.; eundem, *Les origines de la drachme et de l'obole*, Paris 1911; e cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 189, e nota 3, e *O Arch. Port.*, xx, 13 e nota (Alves Pereira).

se assemelha a um dos do Algarve, já descritos. Como este, tem também uma ornamentação simples, mas diversa: consta de linhas cruzadas, de fôrma de x , postas entre faxas de linhas paralelas. A ornamentação é nas duas faces, embora numa esteja mais apagada que na outra. Apareceu na Serra de Todo o Mundo, ou de Alguber, concelho do Cadaval, e foi-me oferecido, particularmente a mim, pelo Sr. José Maria Fogaça, já ha anos.

O aspecto que se representa na fig. 9 tem 0^m,825 de comprido, e secção quadrangular. Estreita para a ponta. O aspecto geral é analogo ao do espêto antecedente, porém o objecto está desprovido de ornamentação. Apareceu na referida Serra de Todo o Mundo, vizinhanças de Figueiros, concelho de Cadaval. Foi obtido pela Direcção dos Trabalhos Geologicos, que o enviou para o Museu Etnologico.

Nas figs. 10 e 11 representam-se duas hastes aguçadas, uma de 0^m,155 de comprido, e outra de 0^m,102, ambas de secção quadrangular. Fizeram evidentemente parte de espêtos, cada uma de seu. A primeira era maior quando appareceu, mas quebraram-na. Ambas foram achadas ao pé do Painho, tambem no Cadaval, e pertencem-me.

Os lugares de Alguber, Figueiros e Painho são vizinhos uns dos outros: por isso os quatro objectos que descrevi acima provêm, pôde dizer-se, de uma unica localidade: cf. *Historia do Museu Etnologico*, p. 189. O concelho do Cadaval abunda de objectos da idade da pedra e do bronze, apparecidos a cada passo, sobretudo os da primeira especie. Objectos da idade do ferro, à parte os de Pragança, é que têm apparecido pouco.

III

Jóias de prata do Museu de Castelo Branco

(Desenhos de Sales Viana)

No Museu de Castelo Branco ha uma bela collecção de jóias de prata, —xorcas e fibulas—, apparecidas num esconderijo ao pé das muralhas de Monsanto da Beira. Aqui as vou publicar, mercê de desenhos feitos em 1916, expressamente, e a meu pedido, pelo S.^{or} Sales Viana, Professor do Liceu da mesma cidade. O escrupulo que tive de dar a lume estes objectos, quando n-*O Arch. Port.*, xxii, 297, falei do Museu albicastrense, cessou com o falecimento de Tavares de Proença Junior, que os havia coligido, e os tencionava estudar.

Acompanharei de algumas palavras os desenhos, e dividirei o meu artigo em duas secções, correspondentes aos dois grupos de jóias. No fim farei algumas considerações gerais.

I. XORCAS.

As xorcas que vi, são em número de oito, mas quatro são muito semelhantes, por isso só figuro cinco.

Xorca 1.^a—Formada de cordões, uns lisos, outros torcidos. Em dois dos lisos foram cinzeladas, na parte média, umas figuras que vão desenhadas em separado: uma tem aspecto de folha; outra consta de dois triangulos ligados pelas bases e terminados em circulozinhos. Vid. fig. 12.^a (No centro vão as figuras suplementares).—Analogas a esta xorca ha mais tres.

Xorca 2.^a—Xorca lisa: vai adelgaçando para os dois extremos, que terminavam em argola (falta uma). Secção circular. Na parte mais grossa applicaram-se dois cordões, tambem de prata, achatados e dispostos, como ziguezague, entre tres faxas, cada uma d'elas de quatro estrias. Parte do cordão e parte d'uma das faxas faltam. Vid. fig. 13.^a (No centro especifica-se o pormenor do cordão suplementar, e fóra, ao lado, figura-se a argola que resta de um dos topos).

Xorca 3.^a—Fita pouco espessa, que se dobrou, formando uma xorca aberta, fig. 14.^a: na extremidade ha exteriormente um desenho, que se pormenoriza na fig. 15.^a (extremidade da xorca rectificada).

Xorca 4.^a—Lisa e chata, aberta como a anterior. Fig. 16.^a.

Xorca 5.^a—Haste dobrada, para se adaptar ao punho. Tem em parte secção circular, em parte secção octogonal. Adelgaça do meio para as extremidades, que terminam em argolas; na parte central é ornada de pontos, dispostos em series paralelas sobre a parte oitavada.—Fig. 17.^a

Todas as figuras são menores que o tamanho natural.

II. FIBULAS.

Tenho desenhos de quatro fibulas de prata.

Fibula 1.^a—Bastante complicada, e de diffi descripção. A cabeça da fibula é formada por uma haste horizontal, em cada uma de cujas extremidades se levanta um pescoço de cavallo, voltado para fóra. A haste encaixa numa dobra do arco, em que ha vestigios de ferro, e apresenta adiante uma cabeça de boi, com restos de douradura. No dorso do arco está prêsa por um prego de prata uma especie de ponte em que se levantam duas hastes terminadas em protuberancias (uma das hastes termina em cinco, a outra em seis), hastes que representarão plantas, ou figuras muito estilizadas. O pé da fibula termina em cabeça de animal, de cujo meio se ergue outra cabeça estilizada. A cabeça de animal, ou extremidade do pé da fibula, fixa-se por um prego de prata (com vestigios de douradura) á cauda de um quadru-

pede que vai encostar-se ás duas protuberancias que estão sobre a ponte. Outros pregos da mesma substancia se vêem por baixo da ponte, segurando as hastes ou figuras. — Houve desejo de reunir aqui muitos animais. — Vid. fig. 18 (parte anterior da fibula), e fig. 19 (a fibula vista de lado, no seu conjunto).

No Museu ha varios fragmentos soltos de fibulas analogas.

Fibula 2.^a e 3.^a — Em cada uma d'elas a cabeça dobra-se, fórma um olhal por onde passa uma travessa terminada de cada lado em botão, na qual devia enrolar-se espiralmente um fio que falta, bem como falta o fusilhão. O pé tem uma goteira para descanso do fusilhão; segue-se ao pé um apendice artistico, de fórma de roca de fiar, mais apurado na fibula 3.^a que na 2.^a Este apendice, na fibula 2.^a, toca o dorso do arco, como no tipo classico de La Tène I. — Vid. figs. 20 e 21.

Fibula 4.^a — De charneira. Na cabeça ha uma haste horizontal, onde se prendia o fusilhão, de que só resta parte da cabeça, de ferro. O sistema de ligação do fusilhão com a cabeça da fibula é de charneira, mas o fusilhão falta; só ha vestigios de ferro no ponto de junção. O apendice do pé volta-se, e vem agarrar-se ao arco, junto da cabeça, por duas expansões laterais (como garras); é cinzelado longitudinalmente. O descanso do alfinete está partido. — Vid. fig. 22 (fibula vista de lado) e fig. 23 (fibula vista de dorso).

CONSIDERAÇÕES GERAIS ACERCA DAS JOIAS PRECEDENTES:

A xorca n.º 1 (fig. 12) é semelhante, no aspecto geral, a outras de prata, achadas com denarios da Republica romana na frêguesia de Monforte da Beira, concelho de Castelo-Branco, e ora existentes no Museu Etnologico, onde têm os seguintes numeros no inventario especial: 105* a 108*. A xorca n.º 108* foi já publicada na *Historia do Museu*, p. 369, porém na explicação, p. 368, disse-se por engano que ela apparecera no concelho da Idanha. Com elas confronte-se a fig. 5, est. VII, entre pp. 240 e 241, de *L'Art et l'Industrie* de P. Paris, que a considera iberica, pp. 246–247. No Museu Etnologico ha outra de prata, e um fragmento, aparentados com as de Monsanto e de Monforte, embora apparecidos em Vila Velha de Ródão; e ha do mesmo modo uma de ouro, igualmente de Monforte (N.º 42*), comparavel ao n.º 4 da citada estampa de P. Paris.

Para a xorca n.º 2 (fig. 13) não me occorrem termos de comparação.

A xorca n.º 3 (fig. 14 e 15), no seu conjunto, é comparavel a uma de bronze de Alcacer do Sal, ora no Museu Etnologico, tam-

bem ornamentada de faxas, mas com outros desenhos que diferem dos d'aquela.—Esta necropole existia já no sec. IV—III a. C., mas continuou a existir até depois d'esta data¹.

A ornamentação da xorca n.º 4 (fig. 16) é semelhante, em parte, à da xorca n.º 3 (fig. 14 e 15); mas termina de cada lado em uma especie de franja formada de angulos em cujos vertices ha circulozinhos.

A xorca n.º 5 (fig. 17) lembra, no modo de torsão, uma de Trastos-Montes, publicada n-*O Arch.* xv, 85 sgs. por Henrique Botelho (ora no Museu Etnologico), tambem de prata, apparecida com denarios que datam quasi todos do tempo da Republica Romana.

As comparações que tenho feito ajudam a determinar a epoca das xorcas.

*

As fibulas relacionam-se tipologicamente com familias de fibulas ibericas muito conhecidas dos archeologos². Importa porém notar algumas particularidades. Em primeiro lugar o serem de prata; nenhuma das outras de Portugal o é. Em verdade, no Museu Etnologico ha uma fibula de prata, já descrita n-*O Arch. Port.*, xi, 1 sgs., por J. Fortes, mas é de origem romana. De Hespanha só agora me ocorre uma³. Em segundo lugar não conheço entre as fibulas ibericas nenhuma perfeitamente igual à 1.^a, posto que na Hespanha as haja com desenhos de cavalos e de cavaleiros: além d'isso é a primeira vez que se cita, me parece, uma fibula zoomorfica apparecida em Portugal. As fibulas ibericas do tipo de cavallo, ou do cavallo & cavaleiro, têm por modelo fibulas italicas semelhantes, introduzidas por comércio⁴. Com quanto estes modelos possam ascender ao sec. IV—V a. C.⁵, o tipo que resultou d'elas continuou até tarde, até depois da era cristã, isto é, até pelo menos, o seculo IV⁶.

As fibulas 2.^a e 3.^a, no corpo e no apendice, assemelham-se a algumas das que Fortes, no seu consciencioso estudo, chama do *tipo*

¹ Vid *Hist. do Museu Etnologico*, pp. 187—188.

² Vid.: Cartailiac, *Les âges préhist.*, pp. 277, 299; P. Paris, *L'Art et l'industrie*, II, 264 sgs.; Fortes, «As fibulas do Noroeste da Peninsula (Iberica)», in *Portugalia*, II, 16 sgs.; Déchelette, *Sur la Chronolog. préhist. de la Penins. ibérique*, 1909, pp. 62—64; eundem, *Manuel d'Arch.*, II—2, pp. 685 e 854; W. Deonna, «Les croyances relig. et superst.» in *Bullet. de l'Institut. Nat. Genevois*, XIII, 277.

³ Vid. R. Lantier, *El santuario ibérico de Castellar*, Madrid 1917, p. 109.

⁴ Déchelette, *Chronologie*, pp. 63—64, e *Manuel*, II—2, p. 855.

⁵ Déchelette, *locis citatis*.

⁶ Deonna, p. 277, cita uma d'esse seculo, publicada anteriormente por Besson

de *Sabroso*, mas diferenciam-se na terminação do arco, que, em vez de se transformar, como aquelas, em mola espiraliforme, se transforma em uma argola, onde passa um travessão, como na fibula de Santa Luzia, figurada por mim n-*O Arch.*, VIII, 19, e reproduzida por Fortes e Déchelette. Análoga a elas é, igualmente com argola, uma de Pragança que figurei na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 365¹. Déchelette inclue no 1.º periodo do ferro, ou de Halstatt, a fibula de Santa Luzia, e outras de aspecto semelhante²: por tanto tambem ao mesmo periodo pertenceriam a 2.ª e 3.ª de Monsanto; contudo a 4.ª é bem semelhante, pela volta do pé, e contacto com o arco, às de La Tène I ou II. Na fibula 1.ª tambem a extremidade do pé atinge o arco: esta fibula poderá considerar-se de transição do 1.º periodo do ferro, ou de Halstatt, para o 2.º, ou de La Tène, a não a considerarmos antes como de La Tène especial. Assim como nela um dos elementos está fixo com um prego, assim tambem, embora noutras circunstancias, se fez intervir outro prego na fibula 17.ª de José Fortes (loc. cit., p. 20): notò a coincidência, por curiosa.

*
* *

No tesouro em que appareceram, como vimos, as xorcas e as fibulas appareceram tambem moedas de prata (denarios) do tempo da Republica romana, sec. III-I a. C. Aqui temos pois um elemento cronologico que não destoa das considerações apresentadas acima acêrca da idade d'aquellas joias: cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 368.

Numa excursão que fiz a Monsanto em 1916 informei-me de que no aro dessa vila tinham apparecido varios fragmentos de outras xorcas de prata, e tambem ricos objectos de ouro, que foram para fóra, os quais já não cheguei a tempo de ver; por mim, adquirir dois denarios consulares, e fragmentos de um vaso de prata que os continha. É muito freqüente o apparecerem por ali moedas d'aquellas³. O referido vaso achou-se por 1900 no sitio da Atalaia, no *couto* ou «herdade» do Pôço do Salvado, a uns 5 kilometros de Monsanto, para o Nascente: além das duas moedas que adquirir, continha mais 71, que não examinei, mas que, pelas informações, deviam ser igualmente consulares.

¹ Em Pragança ha varias fibulas de molas.

² *Chronologie*, p. 54, *Manuel*, p. 685.

³ Cf. *O Arch. Port.*, XXXI, 305.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

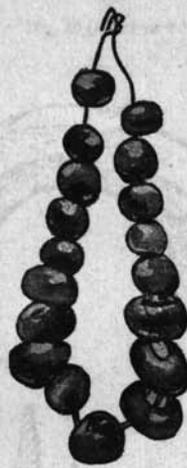


Fig. 4

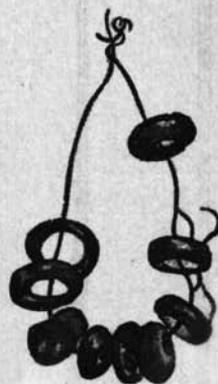


Fig. 5



Fig. 12 (= xorca 1.^a)

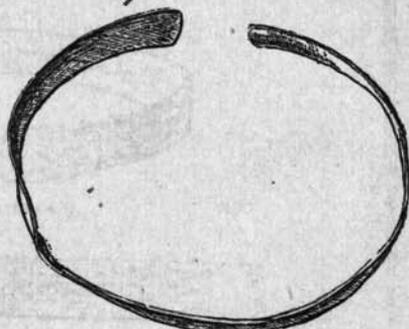


Fig. 14 (= xorca 3.^a)

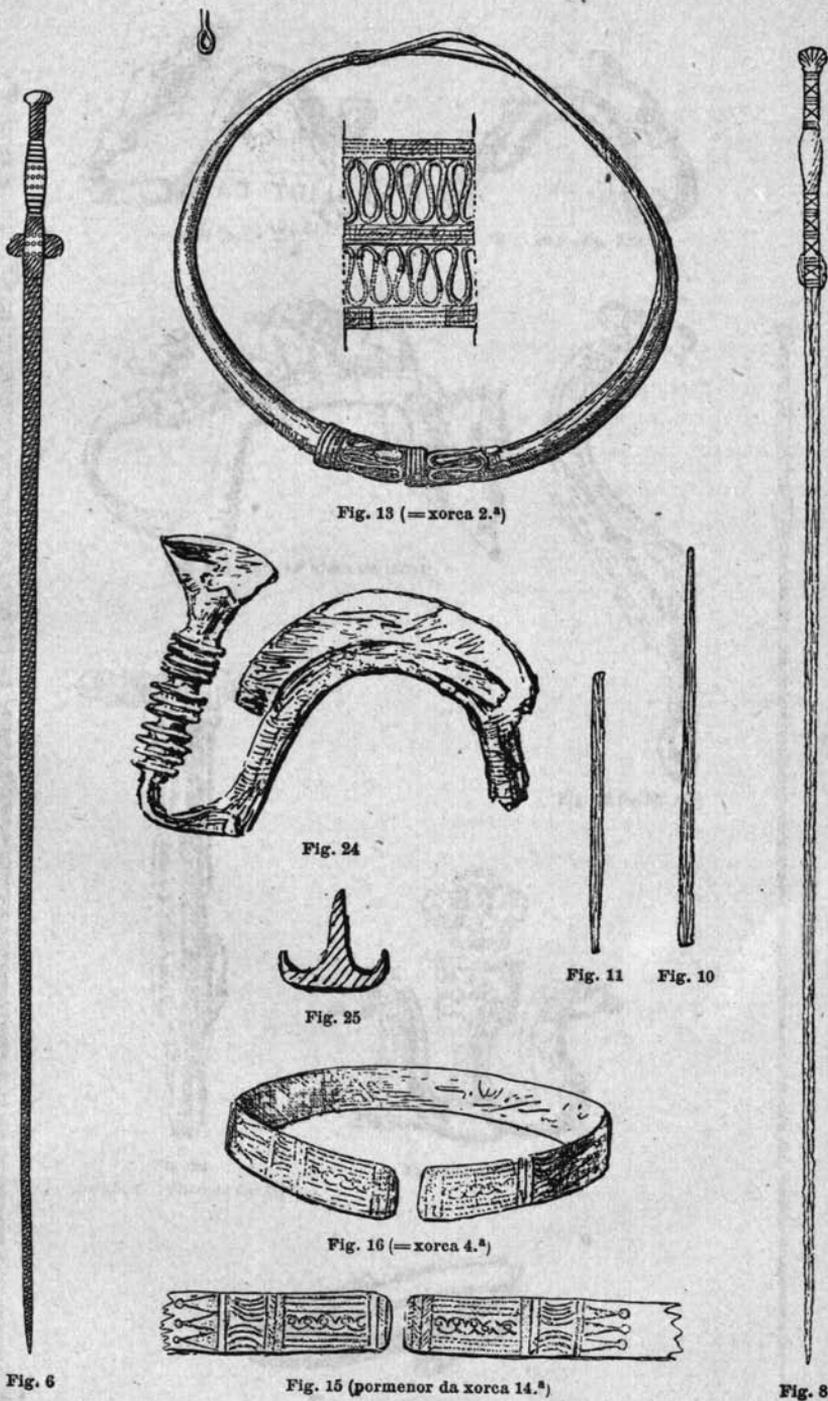


Fig. 13 (= xorca 2.^a)

Fig. 24

Fig. 25

Fig. 11

Fig. 10

Fig. 16 (= xorca 4.^a)

Fig. 15 (pormenor da xorca 14.^a)

Fig. 6

Fig. 8



Fig. 7



Fig. 21 (=fib. 3.^a)



Fig. 20 (=fib. 2.^a)



Fig. 19 (=fib. 1.^a vista de lado)



Fig. 22 (=fib. 4.^a)

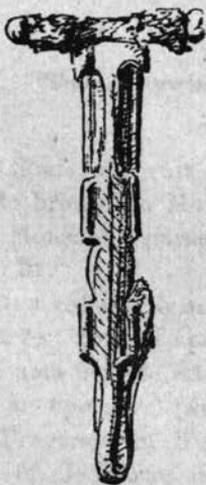


Fig. 23
(=fib. 4.^a, vista de dorso)



Fig. 18 (=fib. 1.^a)



Fig. 17 (=xorca 5.^a)



Fig. 9

Como é sabido, appareceu em 1907 no vizinho concelho de Penamacôr outro tesouro de objectos de prata, um d'elles muito rico: vid. *O Arch. Port.*, XIV, 44 sgs., onde o falecido Santos Rocha o descreveu; e cf. *Religiões da Lusitania*, III, 397 (nota 3) e 484-487. Ainda que Santos Rocha não lhe indica a data com precisão, e apenas o põe vagamente na «epoca luso-romana», pôde acrescentar-se que uma lucerna de barro que acompanhava os objectos tem a fôrma das do sec. I antes e depois de Cristo.

Do que fica dito tira-se a seguinte conclusão cronologica: que as xorcas e fibulas de Monsanto da Beira, bem como as xorcas de Monforte, com quanto de origem iberica, ainda estavam em uso na Lusitania, pelo menos nos dois primeiros seculos da dominação romana. Em todos estes achados devemos ver documentos da civilização da tribo dos Igaeditani, ou Igeditanos, que demoraram por aquella região, e que conhecemos directamente por muitas lapides e inscrições romanas, as quais nos dão testemunho da sua provavel etnogenia, da sua lingua, das suas crenças, das suas artes (escultura), da sua instrução¹. Algo ficamos tambem conhecendo agora do luxo do vestuario.

IV

Fíbula de bronze do Museu de Castelo Branco

(Desenho de Sales Viana)

Com as fibulas de prata, que ficam descritas no cap. III, está tambem uma de bronze no Museu de Castelo Branco; todavia esta não provém de Monsanto, parece que foi achada na cêrea do castelo da cidade. Fig. 24.^a

Falta-lhe a cabeça; o arco ou corpo central tem a secção que represento na fig. 25.^a; o apendice do pé, erecto, formado de roscas, termina em uma especie de funil ou campanula.

Quanto ao tipo geral (disposição do apendice e roscas), cf. duas fibulas de Pragança na *Hist. do Mus. Etnolog.*, p. 364; quanto á campanula, cf. J. Fortes in *Portugalia*, II, 17-18, fig. 7.^a (de Sabroso).

Á presente fíbula de C. Branco se applicam as considerações que fiz acima.

J. L. DE V.

¹ Vid.: Hübner, *Mon. ling. Ibericae*, p. 233; *Religiões da Lusitania*, II, 370, e III, 213; e *O Arch. Port.* I, 232 (artigo meu), e XIV, 169 sgs. (artigo de Alves Pereira).